

Nosso Século



Entre os “pequenos deveres do lar” e o novo feminismo. “Ser mulher é uma doença.” As “tentações do mundo moderno” criam novos padrões. A “jupe-culotte”: um escândalo!

GÊNERO & HISTÓRIA

Grupo de Pesquisa Sociedade e Natureza
Dept. de História - UFPE

Nº 124

1910/1930

CAPITULO IV
*O Sexo Frágil e
o Sportsman*



Ser mulher é uma doença: frágil, a cabeça nas nuvens, sempre nervosa e à procura de um vidro de fortificante.

rior ao homem: ela está predestinada ao resguardo do parto, aos incômodos da menstruação e à esterilidade assexuada da menopausa. A mulher é encarada como "o lado doente da espécie". Em 1911, a revista *Fon-Fon!* publica um anúncio em forma de carta, assinada por Mariana Carneiro de Abreu Norducci, uma "infeliz mulher" de Ribeirão Preto (SP): "Há trinta e seis anos que sofro de males constitucionais e outros adquiridos, ficando três anos completamente inutilizada com furúnculos, reumatismo, sofrimentos do fígado, útero e intestinos, erupção nos braços e no pescoço em forma de sarampo, e tendo sido pelos médicos desenganada e abandonada..." Participando de anúncios semelhantes, inúmeras mulheres divulgam miraculosos fortificantes, os mais variados tônicos e emulsões, para compensar "as deficiências congênicas do ser desprivilegiado pela natureza". Nessa mesma época, o psiquiatra Miguel Bombarda teoriza sobre a mulher, apontando a inferioridade na evolução do cérebro feminino: "Qual o nome feminino célebre nas ciências ou nas artes, na música, na pintura ou nas letras? Um século inteiro de liberdade feminina só dá miserável penúria como última medida do cérebro da mulher". Supondo-se apoiado pela teoria das espécies de Charles Darwin (naturalista inglês do séc. XIX), Bombarda vai mais longe: "A mulher é uma degenerada! (...) A degenerescência, que resulta de uma construção defeituosa, representa-se pela ausência ou pela diminuição da faculdade de adaptação ao meio. (...) Só o óvulo se salva. Se alguma vez, pela energia de espírito, a mulher consegue levantar-se, é só depois que a vida sexual tem cessado; só então também a sua organização física tende a aproximar-se da do homem, pela forma e numerosos caracteres. E é por isso que, desde muito, penso que depois da menopausa a mulher é um homem". Entretanto, as idéias defendidas por Miguel Bombarda (que refletem a mentalidade da época) e aceitas pela grande maioria de brasileiros, inclusive mulheres, têm alguns contestadores. Pioneiras do feminismo no Brasil, a anarquista Maria Lacerda de Moura e a médica Alzira Reis (ambas mineiras) foram das primeiras a sair em campo contra a tão propalada inferioridade do sexo feminino. Em artigos em jornais e revistas, elas passam a contestar, com argumentos científicos (já existentes nos meios médicos internacionais), a falsa idéia de que o cérebro mais leve e com menos circunvoluções gerava a suposta fragilidade feminina. Rebatendo as teses do psiquiatra Miguel Bombarda, Maria Lacerda de Moura publicaria, mais tarde, o livro *A Mulher É uma Degenerada*.

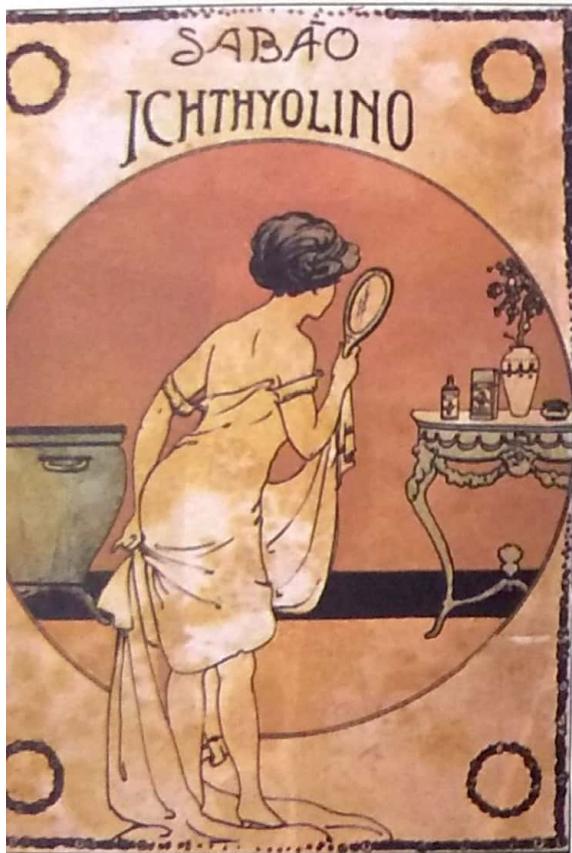


Propaganda de medicamento. (Revista Feminina, 1920.)

An illustration at the bottom of the page shows two children holding a banner. The banner contains the following text:

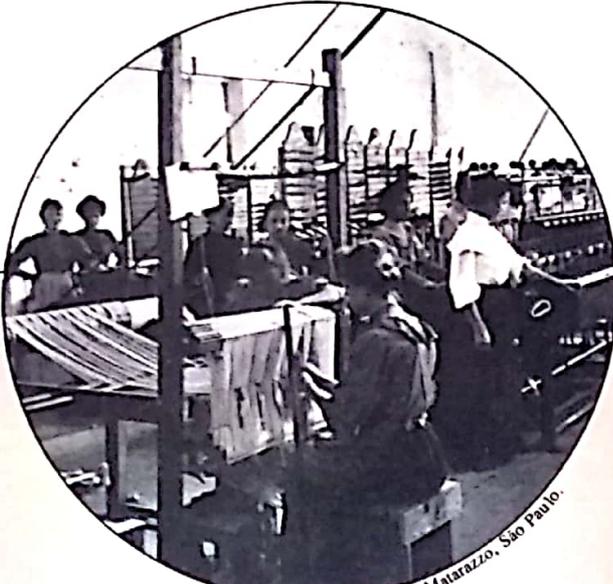
Para tingir os cabelos
só usar
Menelik
Garantido inofensivo
CAIXA COMPLETA 10\$ PELO CORREIO 12\$

Porto União, PR, 1914.



Até quase o final dos anos 10, a mulher devia esconder-se por detrás de suas roupas. Mas, a partir dessa época, o cinema e os novos padrões internacionais começam a liberar o corpo feminino. Surgem réclames de soutiens e de remédios (como o "regulador" A Saúde da Mulher) e métodos para corrigir a postura dos seios. Para as feministas, o homem se teria aproveitado das particularidades biológicas da mulher (concepção, geração, parto, amamentação etc.) para escravizá-la desde a pré-história, reduzindo-a a "animal doméstico, presa de um senhor exigente". (Maria Lacerda de Moura.)

Contra tudo e contra todos, ela quer ser advogada, datilógrafa, telefonista e até enfermeira na guerra.



Tecelãs das Indústrias Matarazzo, São Paulo.

A mulher operária

"Com 12 anos, comecei a trabalhar na oficina de costura na Rua Duque de Caxias. (...) Eu já chuleava, fazia uma bainha, com certeza eu tinha já uma tendência pra isso. (...) Quando eu saí da oficina estava ganhando 75 mil-réis; era o ordenado de uma ajudante boa. Não recebia nada pelos serões. Minha mãe ganhava 45 mil-réis: tínhamos que pagar o quarto, tínhamos que viver, se vestir com 105 mil-réis. No nosso quarto não tinha luz, quando eu costurava à noite, acendia lampião, vela, lamparina..." (Depoimento de dona Alice a Ecléa Bosi in *Lembranças de Velhos*.) Na mesma época em que dona Alice fazia serões de costura, as *sufrajettes* londrinas, lideradas por Emmeline e Christabel Pankhurst, se lançavam ao "ativismo de rua", como forma de lutar pelo direito ao voto. Em 1909, uma mulher tenta atacar Churchill com uma coleira para cães. Durante uma passeata, em 1912, as mulheres quebram as vitrinas das lojas de Piccadilly, Regent Street e Oxford Street. E, em junho de 1913, Emily Davison se joga na frente do cavalo do rei, durante as corridas para o Grande Prêmio. Seu funeral se transforma numa imensa procissão em favor do voto feminino. Mas aqui no Brasil as operárias não lutavam pelo voto, como suas irmãs do East End de Londres. Reivindicavam as 8 horas, melhores condições de trabalho e salários iguais aos dos homens. Em 1919, elas já representavam 33,7% do contingente operário brasileiro. Sem nenhuma proteção legal, cumpriam jornadas que iam até 14 horas diárias. Daí sua participação nas manifestações operárias ao lado dos homens. A greve geral que parou São Paulo, em 1917, por exemplo, teve como estopim as reivindicações da seção feminina no Cotonifício Crespi. Uma das exigências dos operários paulistas durante uma greve em 1919 era "igualar o salário das mulheres aos dos homens". Em 1921, durante as manifestações dos trabalhadores das Docas de Santos, a operária Maria Antônia Soares, do Centro Feminino Jovens Idealistas, foi presa com outros companheiros a bordo do navio *Avon* e deixada à própria sorte, sem roupa e sem dinheiro, no porto de Laguna (RS). Alexandrina Pires, outra operária, foi presa por não denunciar o paradeiro do marido.

No começo do século, praticamente as únicas mulheres que se dedicavam ao trabalho extradoméstico eram as operárias, vindas das camadas mais baixas da população. Mas a inflação e o aumento do custo de vida, a famosa "carestia dos anos 10" que motivou greves e manifestações populares, acabaram transformando também a "rainha do lar" em assalariada. Mulheres da pequena classe média começam a trabalhar nas novas profissões que o acelerado desenvolvimento urbano vai criando: surgem telefonistas, datilógrafas, secretárias, enfermeiras, balconistas. Com a Guerra Mundial, as mulheres de países como a Inglaterra e os EUA passam a substituir em larga escala os homens (que partiram para as frentes de batalha), exercendo toda uma gama de profissões urbanas. Muitas se alistam e vão servir como enfermeiras ou messageiras. Esse fato deu impulso ao feminismo internacional, que se refletiu no Brasil através da imprensa e do cinema. Eram muito comentados aqui os documentários cinematográficos sobre a instrução militar que recebiam as participantes da Liga Norte-Americana, nos EUA, e a marcha dos batalhões de mulheres russas para a frente de batalha. Dentro desse espírito, a *Revista Feminina* lançava o desafio: "Daqui a pouco se verá se a mulher, em coragem, resistência, moral e disciplina, vai desbancar o homem". Em novembro de 1917, Leolinda Daltro lidera uma passeata de 84 mulheres, no Rio, exigindo a extensão do voto às mulheres. Mas os métodos de "desobediência civil" usados em Londres pelas célebres feministas Pankhurst (Emmeline e Christabel, mãe e filha) — confrontação com a polícia, manifestações de rua e greves de fome — não vingam no Brasil. Mais moderadas, as feministas brasileiras simpatizavam com as táticas legalistas da National American Woman's Suffrage Association, como é o caso da cientista Berta Lutz. Em dezembro de 1918, Berta endereça à *Revista da Semana* uma carta em que propõe a formação de uma associação de mulheres, visando a "canalizar todos esses esforços isolados para que seu conjunto chegue a ser uma demonstração". Aos poucos, a mulher brasileira começou a romper o monopólio masculino de algumas profissões. Em meados da década, a advogada Mirtes Campos foi aceita no Instituto da Ordem dos Advogados, quebrando um tabu secular e provocando uma acirrada polêmica nos meios jurídicos. E, em 1918, Rui Barbosa e Clóvis Bevilacqua aceitaram o pedido de inscrição, num concurso para a carreira diplomática do Ministério do Exterior, de Maria José de Castro Rabelo Mendes. Classificada em primeiro lugar, foi considerada pela *Revista Feminina* como uma heroína das lutas feministas.

"Ninguém sabe das angústias desenroladas no coração da mulher de todas as classes sociais. E a proletária é ainda a mais sacrificada. Escrava do homem, escrava social e serva da burguesia... (...) No dia em que o homem der a mão à mulher, [ela], nesse dia, saberá recompensar o seu gesto com muito amor, e dedicação e reconhecimento — porque só nesse dia ambos estarão emancipados. E, só então, a humanidade sentirá o arrepiado casto da beleza — para subir mais alto e então entoar o hino da redenção humana". (Maria Lacerda de Moura, feminista e líder anarquista.)



"Sutragistas", por Raul Pederneiras. (Capa de *Fon-Fon!*, 16/5/1914.)



"O prestígio da farda" (Capa de *Fon-Fon!*, 10/3/1917.)



"O fim do sexo forte. Sufragista-chefe: 'Para, pessoal!... Já não é mais preciso. Eles mesmos se encarregam da sua extinção' ". Charge de J. Carlos. (Capa de *Careta*, 5/9/1914.)